

Shangai Cooperation Organization: O novo “Pacto de Varsóvia”?

Por Rainer Daehnhardt

A principal componente militar da Guerra Fria (1945-1992) foi o aparecimento de dois blocos "defensivos", a NATO e o Pacto de Varsóvia. Tendo um sido dissolvido, perdeu o outro a sua razão de ser. No entanto, o desaparecimento do Pacto de Varsóvia provocou uma transformação na NATO. De pacto defensivo passou a ser o braço armado da vontade política de uma só potência, estendendo-se a regiões que já nada têm a ver com a defesa do Atlântico Norte. Como reacção estamos a assistir ao aparecimento de um novo Pacto de Varsóvia, a Shangai Cooperation Organization, que cobre um território de cerca de 3/5 da Euro-Ásia e conta entre os seus estados-membros com a China e a Federação Russa, entre outros.

Em resultado do crescente desentendimento entre os Aliados, vencedores da 2ª Guerra Mundial, surgiu a NATO (a 4 de Abril de 1949), como Pacto de Defesa Mútua do Atlântico Norte, que rapidamente passou de uma organização estritamente militar para o planeamento da coordenação de utilização de fontes de energias e políticas comerciais.

Tendo o bloco soviético passado de aliado subvencionado a potencial adversário (Churchill chegou mesmo a afirmar: "We killed the wrong pig"), não lhe restou outra alternativa a não ser a de criar um contrapeso próprio na geo-estratégia internacional nascendo assim o Pacto de Varsóvia (a 14 de Maio de 1955).

A coexistência NATO e Pacto de Varsóvia tornou a já existente Guerra Fria num equilíbrio de terror por ameaça de aniquilação mútua com mísseis intercontinentais.

Uma vez dissolvido o Pacto de Varsóvia, no dia 1 de Julho de 1991, a NATO deveria igualmente ter sido dissolvida. Porém, não foi o que aconteceu. Repetindo um erro crasso, muitas vezes surgido na história, resolveu a autoconsiderada única potência global restante, servir-se da NATO como braço armado da sua política expansionista, alargando-se para zonas que já nada têm a ver com a defesa do Atlântico Norte. A prepotência da sua política foi tal que obrigou a uma resposta. A lei do Universo que diz que uma acção causa reacção mais uma vez provou estar certa. Assim começaram a reunir-se nações que não se querendo subjugar a uma Nova Ordem Mundial, com a qual não se identificavam, não basearam a criação de uma oposição organizada apenas na vertente militar, mas na defesa de interesses comuns, destacando-se parcerias na prospecção de fontes de energias, trocas comerciais e tecnológicas. Nasceu assim a SCO, Shangai Cooperation Organization, a 15 de Junho de 2001, composta inicialmente por seis nações: a República Popular da China, a Federação Russa, o Kazaquistão, o Tadjiquistão, o Kirguistão e o Uzbequistão.

Os Estados-membros da SCO cobrem 3/5 da Euro-Ásia, com uma população de 1.455 biliões, cerca de 1/4 da população mundial. As suas línguas de trabalho são o chinês e o russo.

O Ocidente pouca ou nenhuma importância deu ao aparecimento deste gigante euroasiático, e só recentemente os Estados Unidos decidiram solicitar o estatuto de país observador desta organização, pedido esse que foi rejeitado. Sublinhe-se que o estatuto de observador é oferecido a qualquer nação asiática. Neste momento os Estados Unidos contam com o seu fiel aliado, o presidente do Afeganistão, como observador indirecto.

Os norte-americanos ainda tentaram criar uma associação asiático-americana para contrapor o crescente peso da SCO, mas a iniciativa caiu por terra por falta de adesão. Apenas o Afeganistão e o Iraque (ambos ocupados pelos americanos) e os próprios EUA mostraram interesse.

Na criação da SCO, os estatutos, tanto da NATO como os do antigo Pacto de Varsóvia, foram tidos em conta e de certa forma adaptados à realidade da nova organização. Um deles merece especial destaque pela sua importância no actual cenário mundial: o ataque a qualquer um dos seus membros é tido como um ataque a todos, legitimando a sua defesa através de todos os meios militares.

Na última cimeira da SCO, realizada nos dias 15 e 16 de Junho em Shangai, um dos principais pontos de agenda foi a proposta da adesão de novos membros de pleno direito, apresentada por alguns estados até então tidos como observadores: a Mongólia, o Paquistão, a União Indiana e a República Islâmica do Irão.

Os Estados Unidos reagiram de imediato a esta proposta através do seu secretário de Estado da Defesa, Donald Rumsfeld, que declarou não poder compreender como uma organização como a SCO, que abertamente se opõe ao terrorismo, pense na hipótese de aceitar o Irão, tido como um estado terrorista, como seu membro. A SCO respondeu, afirmando que o Irão, a seu ver, não é um estado terrorista e nem apoia o terrorismo internacional.

A resposta ao pedido de adesão do Irão ainda não foi oficialmente divulgada. A comunidade internacional aguarda que tal aconteça no dia 22 de Agosto, data que o presidente iraniano mencionou como reveladora de "uma surpresa".

Para mais informações visite a página oficial da Shangai Cooperation Organization, integrada no site do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China: www.fmprc.gov.cn/eng/topics/sco/t57970.htm

Fontes : PHL, American Free Press e Zeit-Fragen